



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 17, n. 11, art. 8, p. 165-183, out. 2020

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2020.17.11.8>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



MIAR



A Fantasia do Desenvolvimento e o Encantamento Humano pelo Consumo

The Fantasy of Development and Human Enchantment by Consumption

José Arimatéia Araújo de Queiroz

Doutorado em Ciência Jurídica (PPCJ) da Universidade do Vale do Itajaí

Mestre em Ciência Jurídica (PPCJ) da UNIVALI.

E-mail: josearimateiaraujo@gmail.com

Heloise Siqueira Garcia

Doutora em Ciência Jurídica pelo PPCJ – UNIVALI

Professora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica - PPCJ da Universidade do Vale do Itajaí

E-mail: heloisegarcia@univali.br

Endereço: José Arimatéia Araújo de Queiroz

Porto Velho, Rondônia, Brasil.

Endereço: Heloise Siqueira Garcia

PPCJ/UNIVALI – Rua Uruguai, n. 458, Itajaí – SC. CEP:
88302-901, Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar
Rodrigues**

**Artigo recebido em 20/07/2020. Última versão
recebida em 04/08/2020. Aprovado em 05/08/2020.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

O artigo tem por objeto examinar a origem do “desenvolvimento” fomentado pelo mercado econômico-financeiro mundial, num cenário de incentivo ao crédito e ao consumo, o qual ignora que os recursos naturais são finitos, e, nessa perspectiva, abordar se há possibilidade de transformação do sistema neoliberal-capitalista para um modo de vida solidário e sustentável. Os objetivos da pesquisa são: analisar a origem da divisão dos países em desenvolvidos, subdesenvolvidos e emergentes; descrever o papel do mercado em fomentar o crédito e o consumo; avaliar as consequências das políticas capitalistas e identificar propostas de transformação desse sistema para um modo de vida comunitário, de economia solidária e local, em que a sustentabilidade possa ser a diretriz principal. O estudo justifica-se para ampliar o conhecimento sobre a impossibilidade da manutenção do sistema capitalista vigente, quando se esgotam os recursos naturais, e visa indicar novos cenários para uma vida digna, com bem-estar, em termos sustentáveis. Finalmente, compreende-se que a sociedade global deverá se tornar sustentável, porém apenas após a conscientização mundial de que, se nada for feito, haverá a extinção da humanidade.

Palavras-Chave: Desenvolvimento econômico-financeiro. Transformação. Economia solidária e sustentável.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to examine the origin of “development” fostered by the world economic-financial market, in a scenario of incentive to credit and consumption, that ignores the natural resources; and, from this perspective, address if there is a possibility of transformation of the neoliberal-capitalist system to a solidarity and sustainable way of life. The research objectives are: analyze the origin of the division of countries into developed, underdeveloped and emerging countries; describe the role of the market in fostering credit and consumption; evaluate the consequences of capitalist policies and identify proposals for transforming this system into a community-based, solidary and local economy way of life, where sustainability can be the main guideline. The study is justified to broaden the knowledge about the impossibility of maintaining the current capitalist system when natural resources run out and aims to indicate new scenarios for a dignified, well-being, sustainable life. Finally, it is understood that global society must become sustainable, but only after the worldwide awareness that if nothing is done, humanity will be extinct.

Keywords: economic and Financial Development. Transformation. Solidarity and Sustainable Economy.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objeto examinar o contexto em que emergiu o “desenvolvimento” como objetivo a ser alcançado pelos países que buscam o crescimento econômico impulsionado pelo mercado econômico-financeiro mundial, com o incentivo ao crédito e ao consumo, num cenário de recursos naturais finitos, e, ainda, abordar se há possibilidade de transformação do sistema neoliberal-capitalista para um modo de vida solidário e sustentável¹. Nesse cenário, questiona-se: é possível tornar a sociedade mundial sustentável, no contexto de política global que alimenta a fantasia do “desenvolvimento”, com incentivo ao crescimento econômico² pela exploração dos recursos naturais limitados?

Para tanto, foram eleitos os seguintes objetivos de pesquisa: a) analisar o contexto histórico que originou a repartição fictícia dos países, com predominância da conhecida divisão em desenvolvidos, subdesenvolvidos e emergentes; b) abordar qual o papel do mercado em incentivar o fomento ao consumo; c) avaliar as consequências das políticas neoliberais-capitalistas³, identificando propostas de transformação da sociedade humana, para que passe do encantamento pela acumulação de capital e bens à busca pelo bem-estar num sistema de economia solidária e sustentável.

O estudo justifica-se para ampliar o conhecimento sobre as atuais pesquisas que evidenciam a impossibilidade da manutenção do sistema neoliberal-capitalista vigente, o qual impulsiona o crédito e o consumo, ao tempo em que se esgotam os recursos naturais, e, ainda, para trazer as novas visões sobre a fantasia do “desenvolvimento” e o encantamento humano

¹ Nas palavras de Freitas e Araújo, a “Sustentabilidade, pela etimologia da palavra, configura característica ou condição de um processo ou sistema que permite a sua permanência, em certo nível e por um determinado lapso temporal”. FREITAS, Ana Carla Pinheiro e ARAÚJO, Liane Maria Santiago Cavalcante. **Apontamentos acerca da pré-história e da história da sustentabilidade, do desenvolvimento sustentável e da inserção da água no cenário da proteção ambiental**. In: SOUZA, Maria Claudia da Silva Antunes. POMPEU, Gina Vidal Marcílio. FREITAS, Ana Carla Pinheiro (org.). *Gestão das águas: dignidade humana e sustentabilidade por meio do fortalecimento das cadeias de valor*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2018, p. 157.

² Considerando o âmbito geral do termo “sustentabilidade”, tendo em conta a dimensão econômica, a categoria mais conhecida é a do “desenvolvimento sustentável”, disposta pela Comissão de Brundtland, no relatório “Nosso Futuro Comum”, de 1987, qual seja: suprir as necessidades da geração presente sem afetar a habilidade das gerações futuras de suprir as suas próprias necessidades”. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Report of the World Commission on Environment and Development**. Disponível em: <<http://www.un.org/documents/ga/res/42/ares42-187.htm>>. Acesso em: 26 out. 2019.

² BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é – o que não é**. Editora Vozes. Petrópolis, RJ: 2013, p. 107.

³ Para Bauman, “[...] o Estado é capitalista quando garante a disponibilidade contínua do crédito e a habilitação contínua dos consumidores para obtê-lo”. BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**; tradução Eliana Aguiar. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010, p. 30.

por capital e bens, com a indicação de novos cenários que proporcionam a vida digna, com bem-estar, num verdadeiro bem viver.

No primeiro capítulo, abordam-se as bases da conhecida classificação dos países em desenvolvidos, subdesenvolvidos e emergentes, demonstrando-se as origens dessa criação humana e os métodos elegidos. No segundo capítulo, descreve-se o “desenvolvimento” impulsionado pelo mercado e o consumo de bens, dispõe-se sobre o sistema capitalista, que fomenta a utilização do crédito para elevar os níveis de consumo. No terceiro capítulo, serão demonstradas as consequências do capitalismo, bem como as transformações de que necessita a sociedade humana, iniciando-se pelo desencantamento pelo acúmulo de capital e bens, de modo a demonstrar as possibilidades de atingirmos o bem-estar, com novo modo de vida sustentável.

Ao final, como hipótese, entende-se que a sociedade global deverá se tornar sustentável. Porém, será complexa a virada do modo de vida neoliberal-capitalista para um sistema local, comunitária e de economia solidária, em que se utilizem os recursos naturais com sustentabilidade⁴, o que se dará com a conscientização mundial de que, se nada for feito, haverá a extinção da humanidade.

Quanto à Metodologia empregada, registra-se que, na Fase de Investigação⁵, foi utilizado o Método Indutivo⁶; na Fase de Tratamento de Dados, o Método Cartesiano⁷, e o Relatório dos Resultados expresso na presente Tese é composto na base lógica indutiva. Nas

⁴ Souza e Botega sustentam que: “Numa sociedade de risco e extremamente complexa, em que o capital tem mais valor que o homem e em que a natureza é instrumentalizada para servir a alguns, colocando em risco a própria preservação da espécie humana e da vida em geral no planeta, **surge a ideia da sustentabilidade como novo paradigma axiológico transnacional para a humanidade e sua relação com a Terra**”. (Sem grifos no original). SOUZA, Maria Cláudia da Silva Antunes de; BOTEAGA, João Luiz de Carvalho. **Sustentabilidade, Sociedade de risco e alimentos transgênicos: disputas definitórias e o projeto de lei n. 4.148/08**. (p. 255-274). XXIV Congresso Nacional do CONPEDI – UFMG/FUMEC/DOM HELDER CÂMARA. Florianópolis: CONPEDI. 2015, p. 259.

⁵ “[...] momento no qual o Pesquisador busca e recolhe os dados, sob a moldura do Referente estabelecido [...]” PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica: teoria e prática**. 2018, p. 112-113.

⁶ “[...] pesquisar e identificar as partes de um fenômeno e colecioná-las de modo a ter uma percepção ou conclusão geral [...]”. PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica: teoria e prática**. 2018, p. 114.

⁷ Sobre as quatro regras do Método Cartesiano (evidenciar, dividir, ordenar e avaliar), veja LEITE, Eduardo de Oliveira. **A monografia jurídica**. 5 ed. São Paulo: Revista dos Tribunais. 2001, p. 22-26.

diversas fases da Pesquisa, foram acionadas as Técnicas do Referente⁸, da Categoria⁹, do Conceito Operacional¹⁰ e da Pesquisa Bibliográfica¹¹.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Fantasia do “desenvolvimento” num mundo com recursos naturais finitos

Logo após a Segunda Guerra Mundial, que deixou um rastro de destruição nos territórios envolvidos, emergiu uma perspectiva de divisão dos países do globo, utilizando-se de um critério que originou a classificação deles, hodiernamente, em desenvolvidos, subdesenvolvidos e emergentes.

Segundo Acosta¹², a citada classificação decorreu de um discurso do então Presidente dos Estados Unidos da América (USA), Harry Truman, de 20 de janeiro de 1949, em que ele “[...] definiu a maior parte do mundo como ‘áreas subdesenvolvidas’ [...]”.

Em análise do referido discurso¹³, observa-se que Truman propôs um programa de avanços científicos e progresso industrial para melhoria e crescimento das regiões subdesenvolvidas. Na época, ele fundamentou que mais da metade da população mundial encontrava-se em situação próxima à miséria, sendo que isso seria uma ameaça tanto para essas pessoas como para as regiões prósperas.

Por essa ótica, Truman indicou que o propósito dos USA seria de ajudar os povos livres do mundo para que esses, por meio dos seus próprios esforços, pudessem produzir mais alimentos, mais materiais para as suas casas e mais potência mecânica para aliviar suas cargas. E, para tanto, deveria haver plenitude de liberdade, com a cooperação de empresas e

⁸ “[...] explicitação prévia do(s) motivo(s), do(s) objetivo(s) e do produto desejado, delimitando o alcance temático e de abordagem para a atividade intelectual, especialmente para uma pesquisa.” PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica**: teoria e prática. 2018, p. 69.

⁹ “[...] palavra ou expressão estratégica à elaboração e/ou à expressão de uma ideia”. PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica**: teoria e prática. 2018, p. 41.

¹⁰ “[...] uma definição para uma palavra ou expressão, com o desejo de que tal definição seja aceita para os efeitos das ideias que expomos [...]”. PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica**: teoria e prática. 2018, p. 58.

¹¹ “Técnica de investigação em livros, repertórios jurisprudenciais e coletâneas legais”. PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica**: teoria e prática. 2018, p. 217.

¹² ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução: Tadeu Breda. São Paulo: editora Elefante. 2015, p. 52.

¹³ DISCURSO DE POSSE, 20 DE JANEIRO DE 1949. In: **Public papers of the presidents of the United States**: Harry S. Truman. v. de 1949. Disponível em: <<https://quod.lib.umich.edu/p/ppotpus/4729029.1949.001/157?page=root;rgn=full+text;size=100;view=image>>. Acesso em: 19 out. 2019.

do capital privado, para que o programa pudesse aumentar a atividade industrial, visando à melhoria do padrão de vida.

No referido discurso, afastou-se a incidência do imperialismo, indicando-se que a exploração para benefício estrangeiro não teria lugar nesse programa, pois seu objetivo seria o “desenvolvimento”¹⁴ por uma relação limpa e democrática.

Dessa forma é que se originou a fantasia do desenvolvimento. Mas, naquela época (1949), quais foram os países considerados desenvolvidos?

Acosta¹⁵ narra que os próprios USA e outras nações industrializadas é que “[...] estavam no topo da escala social evolutiva [...]”, de modo que os demais países deveriam percorrer o mesmo caminho, ou seja, o da meta de se tornarem “desenvolvidos”. Foi desse modo, por conseguinte, que se estabeleceu e se consolidou “[...] uma estrutura de dominação e dicotomia: desenvolvido-subdesenvolvido, pobre-rico, avançado-atrasado, civilizado-selvagem, centro-periferia”¹⁶.

O impressionante, nessa história, é que os países que ficaram fora da classificação – “desenvolvidos” – aceitaram tal condição, apenas com a esperança de que fossem julgados ou postos em um estado considerado “em desenvolvimento”, uma espécie de submissão sem qualquer questionamento.

Assim, nos anos que se seguiram ao pós-guerra (1950-1970), viu-se crescer o financiamento tanto para a reconstrução dos países devastados, quanto para alavancar o crescimento econômico daqueles considerados “subdesenvolvidos”, com recursos do Banco Mundial, do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento ou, ainda, do Fundo Monetário Internacional (FMI)¹⁷. E, endividados, a maioria dos países se submeteram às regras traçadas por tais organismos financeiros, cujo comando e poder decisório é restrito aos países considerados “desenvolvidos”.

Com isso, aqueles países pouco industrializados e com baixo investimento em tecnologia apenas adotam medidas paliativas para amenizar seus endividamentos. No Brasil,

¹⁴ Conforme a definição do Cambridge Dictionary, desenvolvimento, do inglês Development, é “[...] the process in which someone or something grows or changes and becomes more advanced”. (tradução livre: o processo em que alguém ou algo cresce ou muda e se torna mais avançado). CAMBRIDGE DICTIONARY. **Development**. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/development>>. Acesso em: 26 out. 2019.

¹⁵ ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. 2015, p. 53.

¹⁶ ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. 2015, p. 54.

¹⁷ FREITAS, Eduardo de. “**FMI e Banco Mundial**”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/fmiebancomundial.htm>. Acesso em 20 de outubro de 2019.

por exemplo, a dívida interna e externa, somente em âmbito federal, já ultrapassa 4 trilhões de reais¹⁸.

Em consequência, países endividados não são capazes de atrair investimentos e, ainda que os obtenham, submetem-se a taxas elevadas de juros, posto que o mercado financeiro precifica os riscos. Tal situação, por lógica, apenas aprofunda a crise dos Estados “subdesenvolvidos”, enriquecendo os credores das instituições comandadas por aqueles considerados “desenvolvidos”.

Nessa vertente, os países considerados “subdesenvolvidos” dificilmente conseguem alcançar postos mais altos na escala dessa classificação fictícia. Em verdade, os países periféricos, na vontade de subir alguns degraus dessa escada ilusória do “desenvolvimento”, apenas devastaram suas biodiversidades, aceitando exploração ambiental e social em seus territórios.

Com efeito, a indústria de produção de bens e serviços, por evidente, necessita de matéria-prima e mão de obra, ao menor custo. Dessa forma, os países do Sul do globo (“subdesenvolvidos” ou “emergentes”) – ricos em biodiversidade (fauna, flora), água, terras – a exemplo da época da exploração dos colonizadores (séculos XV a XVIII), passaram a ser objeto de exploração pelos países do Norte (“desenvolvidos”), com a degradação de seus recursos naturais, transformados em mercadorias para o fomento ao consumo e, via de consequência, às políticas neoliberais, em que o capital torna-se o ativo mais importante no cenário econômico mundial, frente à satisfação imediata que propicia àqueles que dele fazem uso.

Quanto à questão, Acosta¹⁹ indica que esse “desenvolvimento” “[...] é irrepetível em nível global. Tal estilo de vida consumista é predador, ademais, está colocando em risco o equilíbrio ecológico”.

Portanto, esse “desenvolvimento” fantasioso nada mais é do que o resultado da destruição do meio ambiente, com a transformação dos recursos naturais em produtos, que, por sua vez, são objeto de desejo dos indivíduos – encantados pela acumulação de bens e iludidos pela mídia publicitária – proporcionada pela obtenção do crédito fácil, fomentado pelo mercado de capitais, numa espécie de ciclo vicioso de consumismo, endividamento e geração de lucro aos investidores do mercado fictício de capitais.

¹⁸ AGÊNCIA BRASIL. **Dívida Pública Federal ultrapassa R\$ 4 trilhões pela primeira vez**. Brasília. 26 set. 2019. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-09/divida-publica-federal-ultrapassa-r-4-trilhoes-pela-primeira-vez>>. Acesso em: 20 out. 2019.

¹⁹ ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. 2015, p. 50.

Por essas bases, vislumbra-se que o desejo de ser “desenvolvido” leva os países à destruição dos seus ecossistemas para o fomento à produção para o mercado de consumo. Acosta já argumentava que “[...] aceitamos a devastação ambiental e social em troca de alcançar o “desenvolvimento”²⁰. E, por certo, sendo os recursos naturais finitos, a sociedade humana global corre o risco de desaparecer, pois, sem eles, não há como produzir mais bens, e, não existindo bens, o crédito decorrente do mercado de capitais, por mais volumoso que seja, em termos fictícios, é imprestável porque não haverá nada a ser adquirido.

Com isso, pode-se concluir que a atual forma de “desenvolvimento” é apenas uma fantasia, um encantamento dos homens por capital e bens que levará, se não houver uma transformação radical desse sistema de vida, a uma espécie de “suicídio coletivo”²¹.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 O “desenvolvimento” pela oferta de crédito e o consumo de bens

O encantamento humano pelo consumo é alimentado, todos os dias, pela oferta de crédito por parte do mercado financeiro, bem como pela mídia publicitária, tudo voltado à aquisição de bens novos, com o descarte daqueles considerados usados ou fora de moda, uma espécie de ostentação do poder de compra que, na linha neoliberal-capitalista, traria a felicidade e o bem-estar²² para as pessoas, uma vida baseada no ter.

Nas palavras de Bauman, essa forma de vida decorre da economia líquido-moderna, a qual tem como foco o consumidor, extrato:

Para conquistar sua emancipação, a economia líquido-moderna, centrada no consumidor se baseia no excesso de ofertas, no envelhecimento cada vez mais acelerado do que se oferece e na rápida dissipação de seu poder de sedução - o que, diga-se de passagem, a transforma numa economia da dissipação e do desperdício²³.

Nessa visão, o consumo humano, decerto, é o motor desse “desenvolvimento” ficto. Como expresso, forma-se um ciclo vicioso que sustenta o sistema capitalista, com a crescente

²⁰ ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. 2015, p. 59.

²¹ Expressão presente na obra: ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. 2015, p. 66.

²² “A definição de bem-estar e riqueza como acumulação de bens materiais, como resultado do crescimento econômico e do consumo ilimitados, não se sustenta mais”. ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. 2015, p.135.

²³ BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. 2010, p. 35.

oferta de crédito para adquirir produtos, os quais necessitam de matéria-prima, cada vez mais escassa, extraída da natureza.

Ao longo da história, Bauman justifica que “[...] as fontes do lucro do capitalismo se deslocaram ou foram deslocadas da exploração da mão de obra operária para a exploração dos consumidores”²⁴. Por essa lógica, o citado autor dispõe que a nossa sociedade é de consumidores²⁵. Assim, vivemos num mundo do “consumismo”.

Podemos entender o “consumismo” como a expansão da cultura do “ter” em detrimento da cultura do “ser”. O consumo invade diversas esferas da vida social, econômica, cultural e política. Nesse processo, os serviços públicos, as relações sociais, a natureza, o tempo e o próprio corpo humano se transformam em mercadorias²⁶.

O consumismo, pela contínua aquisição de produtos, é fomentado porque os objetos não são feitos para durar, isto é, são fabricados e programados para, em curto espaço de tempo, não servirem aos fins a que se destinaram (obsolescência programada²⁷), justamente para obrigar o consumidor a adquirir outros, tomando mais crédito para tanto, o que mantém vivo o mercado financeiro nesse sistema capitalista.

De acordo com Bauman, “O consumismo de hoje não consiste em acumular objetos, mas em seu gozo descartável”²⁸. Esse modo de vida, no entanto, não pode subsistir por muito tempo, posto que os recursos naturais para a fabricação dos produtos são limitados. Souza e Botega apresentam as consequências ambientais e sociais do que denominam de “hiperconsumo”, veja-se:

Na era do hiperconsumo e da soberania do mercado, o sonho da felicidade materializado no ato de consumo acarreta a cada dia mais exclusão social.[...], [...] esse ritmo de hiperprodução atinge o meio ambiente, fonte de recursos e matéria-prima, gerando cenários de degradação ambiental decorrentes de resíduos industriais, contaminação tóxica, lixo em larga escala, poluição do ar e das águas; contudo, como as regras do jogo são apitadas pelo mercado, a lógica do lucro ilimitado deixa de lado qualquer princípio ético de justiça social, trazendo como

²⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. 2010, p. 32.

²⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. 2010, p. 34.

²⁶ BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA). **Consumo Sustentável: Manual de Educação**. Brasília: Consumers International/MMA/MEC/IDEC, 2005, p. 15. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/consumo_sustentavel.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2019.

²⁷ “[...] La obsolescencia programada es una forma de engano. Ahora bien, la experiencia parece demostrar que no se puede en enganar a todo el mundo de manera indefinida [...]”. “[...] La reducción planificada de la duración de vida de los productos manufacturados choca con la resistencia de los consumidores, pero más aún con los límites de nuestro ecosistema, teniendo en cuenta los recursos naturales y la capacidad de reciclaje de los residuos”. LATOUCHE, Serge. Hecho para tirar. **La irracionalidad de la obsolescência programada**. Tradução: Roda Bertran Alcázar. Barcelona: Ediciones Octaedro. 2014, p. 91.

²⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. 2010, p. 42.

corolário uma distribuição desigual entre classes sociais dos riscos decorrentes desses cenários de degradação²⁹.

Em atenção ao transcrito, vislumbram-se as diversas consequências ambientais e sociais decorrentes da conduta do consumismo ou do hiperconsumo que, além de diminuir os recursos naturais para a produção de bens, degrada o meio ambiente, com a produção de lixo, a contaminação da água, do ar e do solo.

Ao tratar da questão por um pensamento inverso ao sistema econômico vigente – o qual extrai o lucro da exploração dos consumidores endividados, que, por conseguinte, adquirem mais e mais produtos fabricados com a utilização dos recursos naturais –, Acosta deixa claro que é a economia que deve subordinar-se à ecologia, isso por uma razão simples, qual seja:

[...] a Natureza estabelece os limites e os alcances da sustentabilidade e a capacidade de renovação dos ecossistemas – e delas dependem as atividades produtivas. Ou seja, se se destrói a Natureza, destrói-se a base da própria economia³⁰.

Por essa ótica é que Acosta sustenta que são os países ricos, ditos “desenvolvidos”, que “[...] devem mudar seu estilo de vida, que coloca em risco o equilíbrio ecológico mundial [...]”³¹. Tortosa, ao seu turno, indica que esta é a lógica capitalista “[...] de la acumulación incesante de capital”³².

Há, inclusive, proposta que procura frear esse “desenvolvimento” irracional. Latouche, por exemplo, formulou a teoria do decrescimento³³, no sentido do abandono do crescimento ilimitado “[...] cujo moto não é outro senão a busca do lucro por parte dos detentores do capital, com consequências desastrosas para o meio ambiente e, portanto, para a humanidade”. E, no ponto, o mencionado autor argumenta que o decrescimento é uma bandeira daqueles que realizam uma “[...] crítica radical do desenvolvimento e querem desenhar os contornos de um projeto alternativo para uma política do após-desenvolvimento”³⁴.

²⁹ SOUZA, Maria Cláudia da Silva Antunes de; BOTEGA, João Luiz de Carvalho. **Sustentabilidade, Sociedade de risco e alimentos transgênicos**: disputas definitórias e o projeto de lei n. 4.148/08. 2015, p. 262.

³⁰ ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. 2015, p. 186.

³¹ ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução. 2015, p. 126.

³² TORTOSA, José Maria. **MALDESARROLLO Y MAL VIVIR**. Pobreza y violencia a escala mundial. Editores: Esperanza Martínez y Alberto Acosta. Quito: Ediciones Abya – Yala. 2011, p. 374.

³³ LATOUCHE, Serge. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009, p. 04.

³⁴ LATOUCHE, Serge. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. 2009, p. 06.

O “desenvolvimento” criticável, no caso, é aquele tratado por Tortosa como mau desenvolvimento “[...] en el sentido de insatisfacción estructural de necesidades humanas básicas [...]”³⁵, em que os seres vivos sofrem desenvolvimento inadequado. O mau desenvolvimento, em referência, nada mais representa que o fracasso do atual sistema de “desenvolvimento”, o qual, segundo o mencionado autor, impede o bem viver dos cidadãos.

No contexto, poderia ser suscitada outra forma de vida para a humanidade, isto é, fora dos muros das políticas neoliberais e do poder do capitalismo. A mudança da cultura do consumismo e do encantamento por uma vida baseada no ter em detrimento do ser, certamente, não é algo que se possa pensar em curto lapso de tempo, porém, é um caminho inevitável a ser percorrido, sob pena de não existir futuro.

Diante do exposto, é preciso haver uma verdadeira transformação da atual sociedade global de consumo, de modo a se vislumbrar um futuro sustentável para as presentes e futuras gerações de vida na Terra, o que pode ser iniciado pelo estabelecimento, em âmbito local, de políticas integrativas, solidárias e cooperativas, como será disposto no capítulo a seguir.

3.1 A transformação da sociedade humana para a defesa da vida, com bem-estar, num mundo sustentável

O cenário descrito no capítulo anterior revela a necessidade da transformação do atual sistema capitalista – que busca o crescimento desenfreado como meio de “desenvolver” os países do globo – para um sistema sustentável, em que a prioridade não seja a acumulação de capital ou o descarte de bens, mas sim um novo modo de vida, voltado ao bem-estar e ao respeito à natureza.

Nas lições de Acosta, essa transformação exige outra economia e a superação dos padrões culturais de acumulação de bens. Tal modelo – de bem viver – seria sustentado nos seguintes princípios:

O Bem Viver, enquanto alternativa ao desenvolvimento, exige outra economia. Uma economia sustentada naqueles princípios fundacionais desta proposta pós-desenvolvimentista, entre os que destacamos a solidariedade e a sustentabilidade, além da reciprocidade, a complementariedade, a responsabilidade, a integralidade (todos os seres vivos somos necessários ao planeta), a suficiência (e, de alguma maneira, também a eficiência), a diversidade cultural e a identidade, as equidades e, claro, a democracia³⁶.

³⁵ TORTOSA, José Maria. **MALDESARROLLO Y MAL VIVIR**. Pobreza y violencia a escala mundial. 2011, p. 48.

³⁶ ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. 2015, p. 171.

Nesse modelo, Acosta propõe uma forma de pós-desenvolvimento, num sistema pós-capitalista³⁷. Isso se daria por meio do estabelecimento de uma economia solidária, radicada em critérios de suficiência e cooperação, superando-se a ideia atual de acumulação de capital ou bens; em que devem ser construídas relações harmoniosas com a comunidade, de modo a não mais prevalecerem as características do capitalismo, tais como a individualidade e a competitividade.

Nessa esteira, seria construída uma economia com bases comunitárias, a exemplo da convivência dos povos indígenas, porém, por parâmetros de vida modernos, isto é, sem a necessidade de regressar ao modo de vida da idade da pedra³⁸. E, sobretudo, uma economia social e ambientalmente sustentável, como se extrai do seguinte recorte:

Esta economia, então, deve ser ambientalmente sustentável. Ou seja, deve assegurar desde o início e em todo momento processos econômicos que respeitem os ciclos ecológicos, que possam manter-se no tempo sem ajuda externa e sem que se produza escassez de recursos. E também deve ser sustentável em termos sociais, o que implica um sólido pilar democrático³⁹.

Frente ao exposto, afere-se a existência de alternativa para a transformação do atual modelo de vida, nascido das políticas “desenvolvimentistas” que alimentam os ideais capitalistas, para um sistema de vida sustentável e comunitário, em que a utilização dos recursos naturais se daria de maneira equilibrada, extraindo-se do meio ambiente apenas o necessário para garantir uma vida digna e com bem-estar.

A transformação em questão assemelha-se àquela disposta por Tortosa⁴⁰, ao elencar as quatro coisas que devem ser feitas para o “bem viver”⁴¹.

³⁷ “Quando é evidente a inutilidade de seguir correndo atrás do fantasma do desenvolvimento, emerge a força a buscar alternativas ao desenvolvimento, ou seja, a buscar alternativas de organizar a vida fora do desenvolvimento [...] o que nos abre as portas para o pós-desenvolvimento, e, é clara ao pós-capitalismo [...]”. ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. 2015, p. 61-62.

³⁸ Segundo Acosta, “O Bem Viver, como alternativa ao desenvolvimento, é uma proposta civilizatória que reconfigura um horizonte de superação do capitalismo. Isso não significa – como disse Mónica Chuji, indígena e ex-deputada constituinte de Montecristi – “um retorno ao passado, à idade da pedra ou à época das cavernas”, e tampouco uma negação à tecnologia ou ao saber moderno, “como argumentam os promotores do capitalismo”. ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. 2015, p.135.

³⁹ ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. 2015, p. 172.

⁴⁰ TORTOSA, José Maria. **MALDESARROLLO Y MAL VIVIR**. Pobreza y violencia a escala mundial. 2011, p. 373-386.

⁴¹ O “Bem Viver” constitui “[...] una oportunidad para construir outra sociedad sustentada en una convivencia ciudadana en diversidad y armonía con la Naturaleza, a partir del reconocimiento de los diversos valores culturales existentes en el país y en el mundo. TORTOSA, José Maria. **MALDESARROLLO Y MAL VIVIR**. Pobreza y violencia a escala mundial. 2011, p. 14.

A primeira baseia-se na autodefesa, exercida em nível local, isto é, viver em organizações pequenas, em que é possível a satisfação imediata das necessidades muito básicas, a exemplo da obtenção da própria comida.

Na segunda, criam-se pequenos sistemas alternativos, fora do sistema global, ou seja, pequenas redes locais, com moeda alternativa ou com a troca de produtos. Nesse microsistema, existiriam espaços locais de relacionamento e satisfação humana, utilizando-se apenas o suficiente da natureza, fugindo-se da lógica neoliberal-capitalista da acumulação incessante de capital e bens.

Em seguida, para Tortosa, a terceira ação que deve ser feita, a qual também se identifica com a ideia defendida por Acosta, seria a criação da economia solidária ou popular, uma espécie de “economia pública não estatal”, a qual representaria um avanço na satisfação das necessidades básicas dos indivíduos que vivem de maneira coletiva. Nesses termos, a economia solidária propiciaria o bem-estar, a segurança, a identidade, a liberdade, enfim, uma vida boa aos integrantes do microsistema comunitário.

A quarta razão para a construção do “bem viver” indica que é preciso dar um passo qualitativo de vida, superando-se a ideia apenas de quantitativo, num “agir localmente para agir globalmente”. Portanto, seriam criadas redes, atendo-se aos demais passos, com o objetivo de produzir uma “densidade social”. Vislumbra-se, dessa última ideia de Tortosa, a necessidade da passagem do sistema quantitativo, entenda-se do “ter”, para um sistema de vida qualitativo, em que se compreende prevalecer o “ser”.

As visões de Tortosa e Acosta indicam que a transformação do atual sistema – fundado nas matrizes desenvolvimentistas, neoliberais e capitalistas – deveria, gradativamente, passar para um novo sistema de economia sustentável, que exige uma grande mudança cultural, pela vivência em comunidades locais, num cenário de responsabilidade e integração coletiva, em bases da solidariedade e da suficiência, com respeito às diversidades, sempre dentro de um contexto democrático.

As ideias em questão não deixam de ser, como disposto por Acosta⁴², uma construção “utópica”. Porém, entende-se possível a transformação proposta, a qual poderia ser implementada, no entanto, ainda não o fora porque o poder do mercado econômico-financeiro global é predominante e, inclusive, influencia as próprias políticas dos Estados-nacionais.

O problema tratado é ainda maior, uma vez que os Estados endividados são reféns do mercado econômico-financeiro, pois sem a circulação de bens de consumo não há como

⁴² ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. 2015, p. 221-235.

extrair dos seus cidadãos os recursos tributários necessários para a manutenção das máquinas públicas⁴³.

Nesse particular, Bauman expõe que “[...] o Estado e o mercado podem lutar entre si ocasionalmente, mas a relação normal e comum entre eles, num sistema capitalista, tem sido de simbiose”⁴⁴. Nas palavras do mencionado autor, “[...] a cooperação entre Estado e mercado no capitalismo é a regra; o conflito entre eles, quando acontece é exceção”⁴⁵.

Com essas considerações, evidencia-se uma tarefa complexa propor um sistema de vida sustentável, com economia comunitária e solidária para o “bem viver”, haja vista que o atual cenário mundial é dominado pelo poder do mercado econômico-financeiro. Em verdade, esse poder comanda as políticas internas dos Estados, sobretudo daqueles “emergentes” ou “subdesenvolvidos”, os quais, no desejo de alcançar a fantasia do “desenvolvimento”, acabam por aumentar ainda mais a exploração de seus recursos naturais.

A dificuldade da transformação do sistema capitalista para uma economia comunitária e sustentável, capaz de localmente influenciar a sociedade global, também é imposta, diariamente, à população mundial pela oferta de crédito para o consumo constante e cada vez maior de bens, numa espécie de lavagem cerebral contínua dos cidadãos globais, viabilizada pela mídia e pelas comunicações, via *internet*, que os fazem acreditar que são felizes ao acumular mais capital e bens.

A dificuldade em superar os ideais desse sistema neoliberal-capitalista, irresponsável e predatório, no entanto, pode ser superada, ao tempo em que a sociedade global realmente tiver consciência de que os recursos naturais estão se esgotando, de que há alterações climáticas, de difícil reversão, bem como de que não haverá futuro para as futuras gerações de vida. Portanto, o medo da extinção da espécie humana pode ser o gatilho que falta para essa mudança.

No cenário, Bauman sustenta que “[...] ainda não chegamos ao ponto de não retorno, ainda há tempo (embora pouco) para refletir e mudar o rumo [...]”⁴⁶.

Em complemento, o citado autor se revela como um homem de esperança nessa transformação, ao destacar o seguinte:

⁴³ [...] o Estado em crise, em vez de ser provedor e garantidor de bem-estar público, tornou-se “um parasita” da população, preocupado apenas com a própria sobrevivência, exigindo cada vez mais e dando cada vez menos em troca. BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlo. **Estado de crise**. Tradução: Renato Aguiar, 1. ed. Rio de Janeiro, Zahar. 2016, p. 28.

⁴⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. 2010, p. 69.

⁴⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. 2010, p. 31.

⁴⁶ BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. 2010, p. 27.

Mas eu acredito (e não vejo uma razão válida para rever essa crença) que é possível um mundo diferente e de alguma forma melhor do que o que temos agora. Então, talvez eu pertença à terceira categoria, que se mantém fora da *querelle de famille* - a categoria dos "homens com esperança"⁴⁷.

Posto isso, reconhecem-se as dificuldades de mudança de cultura da sociedade mundial, no sentido de que os cidadãos, encantados pelo consumo, alterem seus modos de vida, que hoje fomentam a fantasia do “desenvolvimento”, no atual sistema neoliberal-capitalista. Assim, de fato, revela-se complexa a proposição de novos modos de organização solidária, com vivência em comunidade e harmonia com a natureza.

Entretanto, compreende-se que as próprias consequências do sistema neoliberal-capitalista predatório serão o impulso para o início dessa transformação. O melhor seria iniciar a mudança, de pronto, como expôs Acosta, buscar uma vida digna, com o bem-estar, isto é, “[...] viver bem aqui e agora, sem colocar em risco a vida das próximas gerações”⁴⁸. Nessa linha, de igual modo a Bauman, permanece-se na esperança de vivermos em um mundo com práticas sustentáveis.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revelou que, logo após a Segunda Guerra Mundial, tendo por referência o discurso do então Presidente dos USA, Harry Truman, criou-se uma classificação para os países do globo, segundo seus graus de industrialização e poder econômico-financeiro. Surgia, então, a divisão fantasiosa⁴⁹ e fictícia dos países em “desenvolvidos, subdesenvolvidos e emergentes”. No contexto, na pressa de atingirem as metas desse suposto “desenvolvimento”, aqueles países enquadrados como “subdesenvolvidos e emergentes” aceitaram tais condições, bem como foram incentivados a aumentar a produção, buscando, a todo preço, aquecer suas economias e aumentar a competitividade.

Após a concretização do referido modelo, de matriz neoliberal-capitalista, viu-se emergir o domínio do mercado econômico-financeiro sobre os Estados-nação. Uma interferência decorrente do poder que detém o citado mercado, que, em verdade, direciona e conduz as políticas dos referidos Estados para satisfazer suas necessidades de obtenção do

⁴⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. 2010, p. 87.

⁴⁸ ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. 2015, p. 91.

⁴⁹ Diz-se fantasiosa porque como bem destacou Acosta, “[...] em efeito, parece que somos pobres porque somos ricos em recursos naturais”. ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. 2015, p. 244.

lucro, pelo acúmulo de capital e incentivo à produção, com a exploração dos recursos naturais.

Com isso, para se chegar ao sonho alimentado pela fantasia do “desenvolvimento”, a maior parte dos países considerados periféricos se submetem às regras impostas, por exemplo, pelo Banco Mundial e pelo FMI, organismos internacionais controlados pelos países centrais, que obrigam os países devedores a executarem ajustes em suas políticas econômico-financeiras.

E, dentre tais políticas, destacam-se aquelas relacionadas à atração de investimentos estrangeiros, em fomento ao mercado de capitais, tratado por Bauman⁵⁰ como um verdadeiro parasita que se alimenta dos juros pagos pelos devedores, em que se hospeda também para subtrair as riquezas naturais dos países periféricos, com a exploração dos consumidores e da mão de obra barata.

Nesse sistema, os países endividados dificilmente atingem os níveis de “desenvolvimento” esperado e, assim, acabam apenas por fornecer mais recursos financeiros e naturais aos países do Norte. Em verdade, gera-se um ciclo vicioso de exploração, que só interessa aos acumuladores de capital, pois o mercado financeiro fornece o crédito aos devedores, os quais passam a adquirir produtos, que logo são incentivados ao descarte, pois são feitos para não durar (obsolescência programada), ensejando outra “necessidade” de endividamento dos consumidores para aquisição de novos bens, numa engrenagem de degradação ambiental permanente para alimentar a indústria de produção, um mecanismo predatório, gerador de resíduos sólidos, poluição, aquecimento global, o qual coloca em risco a própria existência da vida no Planeta.

Frente ao mencionado cenário, na parte final da pesquisa, aborda-se a possibilidade da transformação do modo de vida “desenvolvimentista”, próprio do capitalismo, para um sistema que permita viver com dignidade e bem-estar, dentro de uma economia local, solidária, comunitária, colaborativa, de uso do suficiente e, sobretudo, sustentável, em que haja o respeito à natureza. Nessa vertente, foram abordadas as perspectivas doutrinárias sobre o assunto, concluindo-se ser complexa, porém, possível a mudança da sociedade global para essa nova forma de vida.

⁵⁰ BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. 2010.

Nas palavras de Bauman⁵¹, “A tragédia do Estado moderno reside em sua incapacidade de implementar no âmbito global decisões tomadas localmente”. Porém não há saída, não há mais tempo, a transformação é necessária para a manutenção da vida na Terra.

Dessa forma, como destacaram Souza e Souza⁵², é preciso “[...] buscar o equilíbrio entre a atividade econômica e a qualidade de vida, eliminando o pensamento de apenas buscar acúmulo de capital e a produção de riqueza, ignorando a preservação dos recursos naturais como elementos de uso limitado”. E, como defendeu Acosta⁵³, “[...] garantir a sustentabilidade é indispensável para assegurar nossa vida. Essa luta de libertação, como esforço político, começa por reconhecer que o sistema capitalista acaba com as condições biofísicas de sua própria existência”. Desse modo, não há alternativa, faz-se salutar escrever uma nova história, realizando-se a “[...] transição de uma concepção antropocêntrica para uma sociobiocêntrica⁵⁴”. Esse, portanto, é o maior desafio da humanidade.

Posto isso – ainda que o poder econômico-financeiro mundial domine e direcione as políticas dos Estados⁵⁵ – é possível concluir que a sociedade global deverá se tornar sustentável. No entanto, a virada do modo de vida baseado na fantasia do “desenvolvimento” e no encantamento dos indivíduos pelo consumo predatório para um sistema de vida comunitário, cooperativo, com base em economia local e solidária, em que se utilizem os recursos naturais por práticas sustentáveis, somente se iniciará quando houver uma conscientização mundial de que as políticas neoliberais-capitalistas, nada sendo feito, levarão à extinção da humanidade.

⁵¹ BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlo. **Estado de crise**. 2016, p. 42.

⁵² SOUZA, Maria Cláudia da Silva Antunes de. SOUZA, Greyce Kelly Antunes de. **Poluentes emergentes: um perigo silencioso para o meio ambiente e um desafio para as novas tecnologias de informação e comunicação**. (p. 119-131). II Congresso Luso-Brasileiro de Direitos Humanos na Sociedade da Informação (Instituto Politécnico de Tomar, 6 de março de 2016), p. 78.

⁵³ ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. 2015, p. 129.

⁵⁴ ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. 2015, p. 132-133.

⁵⁵ Segundo Foucault “[...] É preciso estudar o poder fora do modelo do Leviatã, fora do campo delimitado pela soberania jurídica e pela instituição do Estado [...]”. FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**. Tradução: Maria Harmantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes. 2011, p. 40.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O BEM VIVER**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução: Tadeu Breda. São Paulo: editora Elefante. 2015.

AGÊNCIA BRASIL. **Dívida Pública Federal ultrapassa R\$ 4 trilhões pela primeira vez**. Brasília. 26 set. 2019. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-09/divida-publica-federal-ultrapassa-r-4-trilhoes-pela-primeira-vez>>. Acesso em: 20 out. 2019.

BAUMAN, Z. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos; tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

BAUMAN, Z; BORDONI, C. **Estado de crise**. Tradução: Renato Aguiar, 1. ed. Rio de Janeiro, Zahar. 2016.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA). **Consumo Sustentável: Manual de Educação**. Brasília: Consumers International/MMA/MEC/IDEC, 2005, p. 15. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/consumo_sustentavel.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2019.

CAMBRIDGE DICTIONARY. **Development**. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/development>>. Acesso em: 26 out. 2019.

DISCURSO DE POSSE, 20 DE JANEIRO DE 1949. *In: Public papers of the presidents of the United States*: Harry S. Truman. v. de 1949. Disponível em: <<https://quod.lib.umich.edu/p/ppotpus/4729029.1949.001/157?page=root;rgn=full+text;size=100;view=image>>. Acesso em: 19 out. 2019.

FOUCAULT, M. **Em defesa da Sociedade**. Tradução: Maria Harmantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes. 2011.

FREITAS, A. C. P; ARAÚJO, L. M. S. C. **Apontamentos acerca da pré-história e da história da sustentabilidade, do desenvolvimento sustentável e da inserção da água no cenário da proteção ambiental**. *In: SOUZA, Maria Cláudia da Silva Antunes. POMPEU, Gina Vidal Marcílio. FREITAS, Ana Carla Pinheiro (org.). Gestão das águas: dignidade humana e sustentabilidade por meio do fortalecimento das cadeias de valor*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2018, p. 157.

FREITAS, E. **"FMI e Banco Mundial"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/fmiebancomundial.htm>. Acesso em 20 de outubro de 2019.

LATOUCHE, S. Hecho para tirar. **La irracionalidad de la obsolescência programada**. Tradução: Roda Bertran Alcázar. Barcelona: Ediciones Octaedro. 2014.

LATOUCHE, S. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LEITE, E. O. **A monografia jurídica**. 5 ed. São Paulo: Revista dos Tribunais. 2001.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Report of the World Commission on Environment and Development.** Disponível em: <<http://www.un.org/documents/ga/res/42/ares42-187.htm>>. Acesso em: 26 out. 2019.

PASOLD, C. L. **Metodologia da pesquisa jurídica: teoria e prática.** 14 ed. rev., atual., e ampl. Florianópolis: Empório Modara. 2018.

PASOLD, C. L. **Prática da pesquisa jurídica e metodologia da pesquisa jurídica.** 10 ed. Florianópolis: OAB-SC editora. 2007.

SOUZA, M. C. S. A. SOUZA, G. K. A. **Poluentes emergentes: um perigo silencioso para o meio ambiente e um desafio para as novas tecnologias de informação e comunicação.** (p. 119-131). II Congresso Luso-Brasileiro de Direitos Humanos na Sociedade da Informação (Instituto Politécnico de Tomar, 6 de março de 2016).

SOUZA, M. C. S. A; BOTEGA, J. L. C. **Sustentabilidade, Sociedade de risco e alimentos transgênicos: disputas definitórias e o projeto de lei n. 4.148/08.** (p. 255-274). XXIV Congresso Nacional do CONPEDI – UFMG/FUMEC/DOM HELDER CÂMARA. Florianópolis: CONPEDI, 2015.

TORTOSA, J. M. **MALDESARROLLO Y MAL VIVIR.** Pobreza y violencia a escala mundial. Editores: Esperanza Martínez y Alberto Acosta. Quito: Ediciones Abya – Yala. 2011.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

QUEIROZ, J. A. A; GARCIA, H. S. A Fantasia do Desenvolvimento e o Encantamento Humano pelo Consumo. **Rev. FSA**, Teresina, v.17, n. 11, art. 8, p. 165-183, out. 2020.

Contribuição dos Autores	J. A. A. Queiroz	H. S. Garcia
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X